

## David Hume

### *Um Diálogo\**

*Tradução: Jaimir Conte.*

1 Meu amigo Palamedes, que é tão incoerente em seus princípios quanto pessoalmente, e que percorreu, através de seus estudos e de suas viagens, quase todas as regiões do mundo intelectual e do mundo material, surpreendeu-me recentemente com um relato sobre uma nação com a qual, segundo me disse, passou uma parte considerável de sua vida e a qual verificou ser, quanto ao essencial, um povo extremamente civilizado e inteligente.

2 Existe no mundo, disse ele, um país chamado Fourli, cuja longitude ou latitude pouco nos importa e cujos habitantes têm sobre muitas coisas, especialmente sobre a moral, maneiras de pensar diametralmente opostas às nossas. Quando cheguei a esta nação, descobri que precisava sujeitar-me a um duplo esforço: primeiro para aprender o significado dos termos de sua linguagem, depois para conhecer o alcance destes termos e o louvor ou a censura a eles ligados. Depois que me foi explicada uma palavra e me descreveram o caráter que ela exprimia, concluí que um tal epíteto deveria necessariamente ser a maior censura no mundo, e fiquei extremamente surpreso ao descobrir que alguém o dirigia, em público, a uma pessoa com a qual vivia na intimidade e amizade mais estreitas. “Imaginas”, disse eu um dia a um de meus conhecidos, “que Changuis é teu inimigo mortal; eu gostaria de terminar com a discórdia; devo, portanto, dizer-te que eu o ouvi falar de ti de maneira muito cortês.” Mas, para minha grande surpresa, quando repeti as palavras de Changuis, embora eu as lembrasse e compreendesse perfeitamente, descobri que eram tomadas pela mais mortal afronta e que muito inocentemente eu tornara absolutamente irreparável a discórdia entre essas pessoas.

3 Como tive a sorte de chegar a esta nação em condições muito vantajosas, fui imediatamente introduzido na melhor sociedade; e tendo Alcheic desejado que eu convivesse com ele, aceitei de bom grado seu convite; por ter verificado que ele era universalmente estimado por seu mérito pessoal; e, certamente, era considerado por todos de Fourli como alguém de boa reputação.

4 Certa noite ele me convidou, à guisa de divertimento, para que lhe fizesse companhia numa serenata que pretendia dedicar a Gulki, por quem, disse-me, estava extremamente apaixonado. Logo vi que seu gosto não era singular; pois encontramos muitos de seus rivais que tinham vindo com a mesma intenção. Evidentemente, conclui que era preciso que sua amante fosse uma das mais belas mulheres da cidade; e já sentia uma secreta inclinação para vê-la e conhecê-la. Mas, quando a lua começou a surgir, fiquei muito surpreso ao descobrir que estávamos no centro da universidade onde Gulki estudava; e eu estava um tanto envergonhado por ter acompanhado meu amigo numa tal empresa.

5       Disseram-me em seguida que toda a boa sociedade do lugar aprovava muito que Gulki tivesse escolhido Alcheic e que a sociedade esperava que, ao mesmo tempo em que ele satisfizesse completamente sua própria paixão, prestasse àquele jovem o mesmo favor que recebera de Elcouf. Parece que Alcheic fora muito bonito em sua juventude, tendo sido cortejado por muitos amantes; mas tinha sobretudo concedido seus favores ao sábio Elcouf, à quem supunha que, em grande medida, devia o espantoso progresso que realizara na filosofia e na virtude.

6       Fiquei um pouco supresso ao ver que a mulher de Alcheic (que, entre parênteses, era também sua irmã) não estivesse de modo algum escandalizada com este gênero de infidelidade.

7       Descobri, quase ao mesmo tempo, pois não se tentou esconder de mim ou de quem quer que seja qualquer segredo, que Alcheic era um assassino e um parricida, e que matara uma pessoa inocente, a mais próxima ligada a ele e a quem era obrigado a proteger e defender por todos os laços da natureza e da benevolência [*humanity*]. Quando lhe perguntei com todo o cuidado e respeito imagináveis, qual era o motivo de sua ação, respondeu friamente que sua situação não era então tão fácil quanto atualmente e que agira, naquele caso, de acordo com a opinião unânime de seus amigos.

8       Como tinha o propósito de elevar o mais alto possível a virtude de Alcheic, procurei juntar-me ao concerto geral das aclamações e apenas perguntei, por curiosidade, como um estrangeiro, qual dentre todas as suas nobres ações fora a mais altamente aplaudida; e logo descobri que todos os sentimentos uniam-se para dar preferência ao assassinato de Usbek. Usbek fora, até o último momento, amigo íntimo de Alcheic e tinha em relação a ele numerosas e grandes obrigações; ele até mesmo lhe salvara a vida em determinada ocasião; e o testamento que foi encontrado após sua morte constituía-o herdeiro de uma parte importante de sua fortuna. Parece que Alcheic conspirou juntamente com mais ou menos umas vinte ou trinta outras pessoas, na maior parte amigos também de Usbek; todas caíram ao mesmo tempo sobre aquele homem infeliz quando ele não estava atento; e o dilaceraram com centenas de feridas; e, dando-lhe isso como recompensa por todos os favores e serviços passados. Dizia a voz geral do povo que Usbek tinha numerosas qualidades, grandes e boas; seus próprios vícios eram brilhantes, magníficos e generosos; mas esta ação de Alcheic coloca-o muito acima de Usbek aos olhos de todos os juizes de mérito; e é um dos mais nobres sobre o qual talvez o sol jamais brilhará.

9       Uma outra parte da conduta de Alcheic que também considerei altamente louvável foi seu comportamento em relação a Calish, com quem estava unido num projeto ou empreendimento de alguma importância. Calish, sendo um homem apaixonado, deu certa vez uma boa surra em Alcheic; este a suportou com muita paciência, e esperou o retorno do bom humor de Calish, mantendo ainda uma boa correspondência com ele; e, por este meio, conduziu a um bom resultado o negócio pelo qual eles se associaram; e, granjearam para si honra imortal pelo extraordinário caráter e moderação.

10 Recebi recentemente uma carta de um correspondente em Fourli, pela qual fui informado de que, depois de minha partida, Alcheic caiu num mau estado de saúde, que, de modo distinto, se enforcou e que morreu universalmente lamentado e aplaudido naquele país. Dizem todos os Fourlianos que uma vida assim virtuosa e nobre não podia ser melhor coroada do que por um fim tão nobre. Alcheic provou com isso, assim como com todas as suas outras ações, qual era seu princípio constante durante sua vida, o qual ostentou próximo de seus últimos momentos: que um homem sábio é apenas inferior ao grande deus Vitzli. Este é o nome do deus supremo entre os Fourlianos.

11 As noções de tais pessoas, continuou Palamedes, são tão extraordinárias em relação às boas maneiras e à sociabilidade, quanto em relação à moral. Meu amigo Alcheic reuniu um dia, para divertir-me, todos os principais sábios e filósofos de Fourli; e cada um de nós levou seu próprio alimento para o lugar onde nos reunimos. Observei que um deles estava muito menos provido que os demais e lhe ofereci uma parte de meu repasto, que era frango assado; e não pude deixar de notar que ele e todos os demais companheiros sorriram de minha simplicidade. Disseram-me que outrora Alcheic interessou-se tanto por este clube até persuadir os membros a comer em comum, e que para chegar a isso usara um artifício. Persuadi aqueles que observou estarem *muito menos* providos a oferecer seu repasto para os companheiros, depois disso os demais, que tinham levado uma comida mais saborosa, tiveram vergonha de não fazer a mesma oferta. E isso foi considerado um acontecimento tão extraordinário que, depois, como ouvi dizer, isso foi relatado numa biografia de Alcheic que um dos maiores gênios de Fourli escreveu.

12 ‘Palamedes’, disse eu, ‘gostaria de lhe perguntar se quando estivestes em Fourli aprendestes também a arte de fazer teus amigos caírem no ridículo contando-lhes estranhas histórias, depois rindo deles, se acreditassem em ti. ‘Asseguro-te’, respondeu, ‘que se tivesse estado disposto a aprender semelhante lição, não haveria nenhum lugar no mundo mais apropriado’. Meu amigo, tão freqüentemente citado, não fazia nada, de manhã até a noite, a não ser ironizar, gracejar e zombar; e mal podias discernir se estava gracejando ou falando a sério. Mas pensas, então, que minha história é improvável, e que usei, ou antes abusei, do privilégio de um viajante. ‘Seguramente’, disse eu, ‘não fazes outra coisa senão gracejar.’ Tais costumes bárbaros e selvagens não são somente incompatíveis com um povo civilizado e inteligente como este que descrevestes; mas dificilmente são compatíveis com a natureza humana. Eles ultrapassam tudo o que temos lido sobre os Mingrelianos e os Topinambous.

13 ‘Tenha cuidado’, bradei, ‘tenha cuidado! Não tens consciência de que estás proferindo blasfêmias e ofendendo seus favoritos, os gregos, especialmente os atenienses, que eu encobri, o tempo todo, com estes nomes estranhos que empreguei. Se olhares bem, não há nenhum traço de caráter precedente que não poderia ser encontrado no homem do mais alto mérito em Atenas, sem diminuir em nada o brilho de sua personalidade. Os

amores dos gregos, seus casamentos<sup>1</sup> e o abandono de suas crianças podem nos chocar imediatamente. A morte de Usbek é a exata contraparte da morte de César.

14 Tudo por uma ninharia, disse eu, interrompendo-o; não mencionastes que Usbek era um usurpador.

15 Não disse nada, respondeu ele, para que não descobrisses o paralelo que eu queria estabelecer. Mas, mesmo acrescentando este detalhe, não devemos ter receio algum, segundo nossos sentimentos morais, em denominar Brutus e Cassius de traidores ingratos e de assassinos; contudo, sabes que eles são talvez as maiores personalidades de toda a Antigüidade; que os atenienses ergueram estátuas para eles, colocando-as junto com as de Harmodius e de Aristogiton, que os tinham libertado. Se pensas que a circunstância que mencionas é muito importante para absolver tais patriotas, eu a compensarei por uma outra, que não foi mencionada e que de maneira idêntica agravará seu crime. Alguns dias antes de executar seu objetivo fatal, todos eles juraram fidelidade a César; e, afirmando que teriam sempre sua pessoa por sagrada, tocavam o altar com as mãos que eles já haviam armado para sua destruição<sup>2</sup>.

16 Não preciso lembrar a famosa e aplaudida história de Temístocles e de sua paciência para com Euribíades, o Espartano, seu chefe, que, esquentado pelo debate, levantou seu bastão sobre ele num conselho de guerra (o que equivalia a lhe bater). *Bata!* gritou o ateniense, *bata! Mas escute-me.*

17 És erudito o bastante para descobrir o irônico Sócrates e seu círculo ateniense em minha última história; e certamente observarás que ela é literalmente copiada de Xenofontes, com uma variação apenas nos nomes<sup>3</sup>. E penso que deixei claro que em Atenas um homem de mérito poderia bem ser um daqueles que, entre nós, passam por incestuosos, parricidas, assassinos, ingratos, traidores que juraram falso, e alguma coisa diferente demasiado abominável para ser nomeada; para não mencionar sua rusticidade e suas más maneiras. E tendo vivido desta maneira, sua morte poderia ser inteiramente conveniente. Poderia ter concluído a cena com um ato desesperado de suicídio e ter morrido com as blasfêmias mais extravagantes na boca. E, apesar de tudo isso, haverá estátuas, senão altares, erigidas em sua memória; serão compostos poemas e discursos em sua homenagem; seitas respeitáveis se orgulharão de evocar seus nomes; a mais remota posteridade continuará sua cega admiração. Contudo, se um homem deste gênero surgisse entre eles, com justiça o olhariam com horror e execração.

18 Poderia duvidar de teu artifício, respondi. Pareces divertir-te em tratar este tema; e em verdade és o único homem que já conheci que está bem familiarizado com os Antigos e não os admira extremamente. Mas ao invés de atacar sua filosofia, sua eloquência ou sua poesia – temas habituais de controvérsia entre nós –, pareces agora colocar em questão a sua moral, acusando-os de ignorância em uma ciência que é a única, na minha opinião, em que não foram superados pelos modernos. Em geometria, em física, na astronomia, anatomia, botânica, geografia, navegação; nestas ciências está bem que reclamemos nossa

superioridade. Mas que temos nós a opor aos seus moralistas? Teu modo de representar as coisas é enganoso. Não tens tolerância alguma em relação aos hábitos e costumes de épocas diferentes. Queres julgar um grego e um romano segundo a lei inglesa vigente? Escute-o defender-se segundo suas próprias máximas; e decidas em seguida.

19 Não há costumes tão inocentes ou tão razoáveis que não possam tornar-se odiosos ou ridículos, se os medimos segundo um padrão desconhecido das pessoas; especialmente se empregas um pouco de arte e de eloquência para acentuar algumas circunstâncias e para enfraquecer outras, como melhor convém ao propósito de teu discurso. Todos estes artifícios podem facilmente voltar-se contra ti. Se eu tivesse podido informar os atenienses, por exemplo, que havia uma nação onde o adultério, seja ativo ou passivo, por assim dizer, estava na mais alta voga e na mais alta estima; onde todo homem de boa educação escolheria para sua amante uma mulher casada; e talvez a esposa de seu amigo e companheiro; que eles se estimariam segundo suas conquistas infames, tanto quanto se tivessem sido várias vezes vitoriosos no boxe ou na luta nos jogos Olímpicos; onde todo homem também ficaria com orgulho de sua submissão e de sua complacência em relação à sua própria mulher e que ele estaria contente em fazer amigos ou obter vantagens ao permitir que ela prostituísse seus encantos; e mesmo sem qualquer motivo, conceder-lhe plena liberdade e prazer; eu pergunto, que sentimentos os atenienses teriam de tais pessoas, eles que nunca mencionavam o crime de adultério sem ligá-lo ao roubo e a corrupção? De que ficariam eles mais supressos, da vilania ou da mesquinhez de uma semelhante conduta?

20 Se eu tivesse acrescentado que estas mesmas pessoas teriam também orgulho de sua escravidão e de sua sujeição como os atenienses de sua liberdade, e que embora um homem entre eles fosse oprimido, desgraçado, arruinado, insultado ou aprisionado pelo tirano, ele ainda consideraria como o mérito mais elevado amá-lo, servi-lo e obedecer-lhe; e mesmo morrer por sua mais ínfima glória e contentamento; estes nobres gregos provavelmente me teriam perguntado se eu falava de uma sociedade humana ou de alguma espécie inferior ou servil.

21 Será então que eu teria podido informar meu auditório ateniense que a estas pessoas não faltavam, entretanto, espírito nem coragem. Que se lance, em particular, um gracejo, eu teria dito, mesmo a um amigo íntimo, um gracejo bastante próximo daqueles com os quais seus generais e seus demagogos todo dia se regalam mutuamente na presença de toda a cidade, eles nunca podem esquecer-lo; mas, para vingarem-se, eles o obrigam a matá-los ou a ser ele mesmo assassinado. E se um homem, que é completamente estranho para eles, desejar, sob o risco de sua própria vida, cortar a garganta de seu amigo íntimo, eles imediatamente obedecem, e se consideram altamente obrigados e honrados pelo encargo. Tais são suas máximas de honra. Tal é sua moralidade favorita.

22 Mas, apesar desta prontidão para tirar a espada contra seus amigos e seus compatriotas, nenhuma desgraça, nenhuma infâmia, nenhuma dor, nenhuma pobreza jamais exortará tais pessoas a voltarem a ponta desta contra seu próprio peito. Um homem de

posição remarará nas galeras, mendigará seu pão, definhará na prisão, sofrerá todas as torturas e conservará ainda sua miserável existência. Ao invés de escapar de seus inimigos por um nobre desprezo da morte, receberá de maneira infame a mesma morte da mão de seus inimigos, agravada por seus insultos triunfais e pelos mais intensos sofrimentos.

23 É também muito habitual entre estas pessoas, continuei eu, levantar prisões onde se estuda e se pratica cuidadosamente todas as artes de atormentar e torturar os infelizes prisioneiros; nestas prisões, é habitual aos pais encerrarem voluntariamente vários de seus filhos a fim de que um outro filho, que eles próprios reconhecem não ter mérito, ou, antes, menos mérito que os demais, possa desfrutar de toda sua fortuna e chafurdar-se em todo tipo de voluptuosidade e prazeres. Não há nada de mais virtuoso, na opinião deles, que esta bárbara parcialidade.

24 Mas o que há de mais singular nesta extravagante nação, diria eu aos atenienses, é que uma brincadeira dos jovens durante as Saturnais<sup>4</sup>, onde os escravos são servidos por seus senhores, é seriamente levada adiante por eles durante todo ano e durante todo o curso de suas vidas; acompanhada também de certas circunstâncias que aumentam ainda mais o absurdo e o ridículo. Seu divertimento eleva em apenas alguns dias os que a fortuna rebaixou, e, também por brincadeira, quem ela pode realmente elevar para sempre acima de ti. Mas esta nação exalta muito aqueles que a natureza sujeitou e submeteu, e cuja inferioridade e enfermidades são absolutamente incuráveis. As mulheres, mesmo sem virtude, são suas mestras e soberanas; são elas que eles reverenciam, louvam e magnificam; é a elas que prestam a mais profunda deferência e o mais profundo respeito; em todos os lugares e em todas as épocas, a superioridade das mulheres é de bom grado reconhecida e aceita por quem quer que tenha a menor pretensão à educação e à polidez. Apenas haveria um crime tão universalmente reprovado como uma infração a esta regra.

25 Não é necessário que prossigas, replicou Palamedes; posso facilmente conjeturar a que povo te referes. Os traços com os quais os descreveste são assaz exatos; e, contudo, debes reconhecer que dificilmente se encontrará um povo, tanto na Antigüidade como nos tempos modernos, cujo caráter nacional se encontre, acima de tudo, menos exposto à repulsa. Porém te agradeço por ajudar-me em minha argumentação. Não tive a intenção de exaltar os modernos às custas dos antigos. Quis apenas mostrar a incerteza de todos os juízos sobre os caracteres e convencer-te de que os usos, a moda, o costume e a lei são os principais fundamentos de todas as determinações morais. Os atenienses foram, seguramente – se é que houve algum –, um povo civilizado e inteligente; e, contudo, seus homens de mérito poderiam, em nossa época, ser objetos de horror e execração. Também os franceses constituem, sem dúvida, um povo muito civilizado e inteligente; e, contudo, seus homens de mérito teriam sido, entre os atenienses, objeto do mais profundo desprezo e do mais completo ridículo, e até mesmo de ódio. Mas o que converte o assunto em algo mais extraordinário é que se supõe que os dois povos são, por seu caráter nacional, os mais parecidos de todos, tanto na Antigüidade como nos tempos modernos; enquanto que os

ingleses se gabam de se parecerem com os romanos, seus vizinhos do continente estabelecem um paralelo entre eles mesmos e os gregos educados. Que grande diferença é preciso então descobrir, a respeito dos sentimentos morais entre as nações civilizadas e a dos povos bárbaros, ou entre as nações civilizadas cujas características têm poucos traços em comum? Como pretender fixar uma padrão para os juízos desta natureza?

26 Vejamos a questão de um ponto de vista mais elevado, repliquei, e examinemos os primeiros princípios que cada nação estabelece para a reprovação e a censura. O rio Rim escoia em direção ao norte, o Reno em direção ao sul; contudo, ambos nascem na *mesma* montanha, e também correm em direções opostas pelo *mesmo* princípio da gravidade. As diferentes inclinações do solo, sobre o qual eles correm, produzem toda a diferença de seus respectivos cursos.

27 Em quantas circunstâncias um homem de mérito ateniense e um homem de mérito francês se assemelham com certeza um ao outro? Bom senso, conhecimento, espírito, eloquência, humanidade, fidelidade, verdade, justiça, coragem, temperança, constância, dignidade de espírito; negligenciastes todos estes traços para insistir somente sobre os pontos sobre os quais, acidentalmente, podem diferir. Muito bem; estou quase em condições de entender-me contigo; e eu tentarei explicar estas diferenças a partir dos mais firmes e universais princípios da moral.

28 Não me interessa examinar de maneira mais particular o amor grego. Somente observarei que, ainda que censurável, nascia de uma causa muito inocente, a freqüência dos exercícios ginásticos entre esse povo, e que eram recomendados, embora de modo absurdo, como a fonte da amizade, da simpatia, das relações mútuas e da fidelidade<sup>5</sup>; qualidades estimadas em todas as nações e em todas as épocas.

29 O casamento entre primos e irmãos não me parece oferecer grande dificuldade. O amor entre os parentes próximos é contrário à razão e à utilidade pública; mas o ponto preciso em que devemos nos deter dificilmente pode ser determinado mediante a razão natural; de modo que constitui, essencialmente, objeto próprio das leis e dos costumes locais. Se os atenienses foram um pouco longe demais num sentido, o direito canônico certamente levou a questão muito mais longe em direção ao outro extremo<sup>6</sup>.

30 Se perguntásseis a um pai ateniense por que tirava de seu filho a vida que mal acabara de lhe dar, responderia que era porque o amava e porque considerava que a pobreza que lhe deixaria como herança era uma mal maior que a morte; enquanto seria incapaz de temer, sentir ou ressentir esta<sup>7</sup>.

31 Como se poderia recuperar a liberdade pública, a mais valiosa de todas as bênçãos, das mãos de um usurpador ou de um tirano, se seu poder o protege da revolta pública e nossos escrúpulos o protegem da vingança privada? Reconheces que, conforme o direito, seu delito é capital, pois, para melhorar sua segurança é preciso que se ponha a si mesmo acima da lei, o que constitui o maior agravante de seu delito? Não podes dizer nada, a não

ser mostrar os grandes inconvenientes de um assassinato, o qual, se alguém tivesse podido mostrar claramente aos Antigos teria reformado seus sentimentos sobre este particular.

32 Vejamos novamente o quadro que tracei dos costumes modernos. Reconheço que é tão difícil justificar a galanteria francesa quanto a galanteria grega; com a diferença apenas de que a primeira é muito mais natural e muito mais agradável que a segunda. Mas parece que nossos vizinhos decidiram sacrificar certos prazeres domésticos em nome de prazeres sociais e preferiram a comodidade, a liberdade e uma franqueza nas relações a uma rigorosa fidelidade e constância. Ambos estes fins são bons, mas há alguma dificuldade em reconciliá-los, e não devemos nos surpreender se os costumes das nações às vezes se inclinam muito para um lado, e às vezes muito para outro.

33 Reconhece-se em toda parte como uma virtude capital permanecer inflexivelmente ligado às leis de seu país; porém quando o povo não é muito feliz por não dispor de uma legislação, mas apenas de uma pessoa singular, a mais estrita lealdade é, neste caso, o mais autêntico patriotismo.

34 Evidentemente, não há nada mais absurdo e bárbaro que a prática do duelo; mas os que a defendem, dizem que ela engendra a civilidade e as boas maneiras. E, como se pode observar, um duelista sempre se valoriza a si mesmo por sua coragem, por seu sentido de honra, por sua fidelidade e por sua amizade; qualidades que, certamente, são aqui muito estranhamente orientadas, mas que têm sido estimadas universalmente desde que o mundo existe.

35 Os deuses proibiram o suicídio? Um ateniense reconheceria que é preciso abster-se do suicídio. Deus o permitiu? Um francês admite que a morte é preferível à dor e à infâmia.

36 Vês então, continuei, que os princípios a partir dos quais os homens raciocinam em moral são sempre os mesmos, ainda que as conclusões que eles tiram sejam freqüentemente muito diferentes. Não é da competência de nenhum moralista mostrar que todos eles raciocinam corretamente sobre este assunto, mais do que sobre qualquer outro. Basta que os princípios originários da censura ou da reprovação sejam uniformes e que se possa corrigir as conclusões errôneas mediante um raciocínio mais justo e uma experiência mais ampla. Ainda que muitos séculos tenham transcorrido desde a queda da Grécia e de Roma, ainda que muitas mudanças se tenham produzido na religião, na língua, nas leis e nos costumes, nenhuma destas revoluções jamais produziu inovação mais importante nos sentimentos morais primordiais do que nos da beleza exterior. Talvez se possa observar algumas pequenas diferenças em ambos os casos. Horácio<sup>8</sup> celebrou um topete caído sob a fronte, e Anacreonte sobranceiras unidas<sup>9</sup>; mas o Apolo e a Vênus antigos são ainda nossos modelos de beleza masculina e feminina; assim como o caráter de Scipion continua sendo nosso modelo para apreciar a glória dos heróis; e a de Cornélia para estimar a honra das esposas.

37 Parece que jamais houve qualidade recomendada por quem quer que seja como virtude ou como perfeição moral, senão em razão de sua *utilidade*, ou por ser *agradável* a

seu *próprio* possuidor ou aos *outros*. Pois que outra razão pode-se jamais atribuir ao louvor ou à reprovação? Ou onde estaria o sentido de exaltar um *bom* caráter ou uma boa ação que, ao mesmo tempo, se reconhece que não é *de nenhuma utilidade*? Portanto, todas as diferenças em moral podem ser reduzidas a este fundamento geral, e podem ser explicadas pelas diferentes visões que as pessoas têm destas circunstâncias.

38 Às vezes os homens diferem em seus juízos sobre a utilidade de um hábito ou ação. Às vezes também as circunstâncias peculiares das coisas tornam uma qualidade moral mais útil que outras, e lhe outorgam uma preferência peculiar.

39 Não é surpreendente que, durante um período de guerra e desordem, as virtudes militares sejam mais celebradas que as pacíficas, e atraíam mais a admiração e a atenção da humanidade. “Como é comum” diz Cícero, “encontrar Cimbrianos e Celtiberios e outros bárbaros que suportam com uma constância inflexível todas as fadigas e todos os perigos de uma campanha; mas que são imediatamente abatidos pela dor e riscos de um langor doentio; enquanto, por outro lado, os gregos pacientemente suportam a lenta aproximação da morte, quando armada com as doenças e as enfermidades, mas temerosamente fogem de sua presença quando ela os ataca violentamente a golpes de espadas e de cimitarras!”<sup>10</sup> Como é mesmo diferente a própria virtude da coragem entre os povos guerreiros e os povos pacíficos! E seguramente, podemos observar que, como a diferença entre a guerra e a paz é a maior que surge entre as nações e as sociedades públicas, ela produz também as maiores variações do sentimento moral e diversifica ainda mais nossas idéias da virtude e do mérito pessoal.

40 Às vezes também a magnanimidade, a grandeza de alma, o desdém da escravidão, o rigor inflexível e a integridade, podem melhor condizer com as circunstâncias de uma época do que com as de outra, e ter uma influência mais favorável, tanto sobre os negócios públicos e sobre a segurança e o próprio progresso de um homem. Nossa idéia de mérito, portanto, também variará um pouco com estas variações; e Labeo foi sem dúvida censurado pelas mesmas qualidades que deram a Catão a máxima aprovação.

41 Um mesmo grau de luxo pode ser ruinoso e pernicioso para um suíço, que não faz mais que incentivar as artes e encorajar a indústria de um francês ou de um inglês. Não devemos, portanto, esperar encontrar em Berna os mesmos sentimentos e as mesmas leis que prevalecem em Londres ou em Paris.

42 Os diferentes costumes têm também alguma influência assim como as diferenças de utilidade; ao dar ao espírito uma primeira inclinação podem produzir uma maior inclinação para as qualidades úteis ou agradáveis, do que por aquelas que dizem respeito ao eu ou aquelas que se estendem para a sociedade. Estas quatro fontes dos sentimentos morais subsistem sempre; mas acidentes particulares podem às vezes fazer que uma delas floresça com mais abundância que uma outra.

43 Os costumes de algumas nações impedem as mulheres de todo comércio com a sociedade; os costumes de outras nações fazem dele um elemento tão essencial da

sociedade e da conversação que, salvo nas transações dos negócios, considera-se que os homens, deixados a si mesmos, são quase totalmente incapazes de conversar e de se divertir entre si. Como esta diferença é a mais importante que possa se produzir na vida privada, ela deve também produzir a maior variação de nossos sentimentos morais.

44 De todas as nações do mundo onde a poligamia não era admitida, parece que os gregos foram os mais reservados em seu comércio com o belo sexo, e lhe impuseram as mais rigorosas leis da modéstia e da decência. Temos um forte exemplo disso num discurso de Lysias.<sup>11</sup> Uma viúva injuriada, arruinada, maltratada, convoca uma reunião de alguns de seus amigos e de seus parentes mais próximos; e, diz o narrador, embora anteriormente ela não tivesse estado habituada a falar diante dos homens, a gravidade da situação a obrigava a expor seu caso diante deles. Parece que o próprio fato de abrir a boca requeria, nesta sociedade, uma justificação.

45 Quando Demóstenes perseguiu seus tutores para fazer com que eles lhe reembolsassem seu patrimônio, tornou-se necessário para ele, no curso do processo, provar que o casamento da irmã de Afobos com Onetor era inteiramente fraudulenta e que apesar de seu falso casamento, ela tinha vivido com seu irmão em Atenas durante os dois anos que seguiram seu divórcio com seu primeiro marido. É notável que, ainda que se tratasse de pessoas da mais alta condição e da mais alta distinção na cidade, o orador não pudesse provar este fato de nenhuma outra maneira senão solicitando que se interrogasse suas mulheres escravas e fazendo apelo ao testemunho de um médico que o tinha visto na casa de seu amigo no transcurso de uma doença.<sup>12</sup> Tanta era a reserva dos costumes gregos.

46 Podemos assegurar que uma extrema pureza dos costumes era a conseqüência desta reserva. Desta maneira descobrimos que, exceto as fabulosas histórias de uma Helena ou de uma Clitemnestra, é raro existir um exemplo de um acontecimento da história grega que provenha de intrigas femininas. Ao contrário, nos tempos modernos, particularmente numa nação vizinha, as mulheres intervêm em todas as transações e em toda a organização da Igreja e do Estado; ninguém pode esperar alcançar sucesso se não se preocupar em obter suas boas graças. Henrique III colocou em perigo sua coroa e perdeu a vida, tanto por ter incorrido na desaprovação das mulheres quanto por sua indulgência com a heresia.

47 É inútil dissimular. Uma extrema liberdade nas relações entre os sexos e uma extrema intimidade de vida, freqüentemente termina em intrigas galantes. Devemos sacrificar um pouco da *utilidade*, se estivermos muito preocupados em obter todas as qualidades *agradáveis*; e não podemos pretender obter igualmente todo tipo de vantagens. A multiplicação cotidiana dos exemplos licenciosos enfraquecerá o escândalo com um dos sexos e ensinará progressivamente ao outro a fazer sua famosa máxima de La Fontaine em relação a infidelidade feminina: “quando se sabe, é pouca coisa, quando se ignora, não é nada.”<sup>13</sup>

48 Algumas pessoas são inclinadas a pensar que o melhor meio de harmonizar todas as diferenças e de tomar o justo meio entre as qualidades femininas *agradáveis* e as qualidades

femininas *úteis*, é viver com as mulheres como os romanos e os ingleses (pois, parece que os costumes destas duas nações são parecidos a este respeito)<sup>14</sup>; isso significa dizer sem galanteios<sup>15</sup> e sem ciúme. Pela mesma razão, os costumes dos espanhóis e dos italianos do século passado (pois no presente são muito diferentes) devem ser os piores de todos, visto que eles favorecem os galanteios e o ciúme.

49 Mas estas diferenças de costumes entre as nações não afetam somente um dos sexos; a opinião que se faz do mérito pessoal de um homem também varia necessariamente um pouco, pelo menos em relação a conversação, ao discurso e ao caráter. Uma nação onde os homens levam uma vida muito distinta aprovará naturalmente mais a prudência; uma outra a jovialidade. Uma estimará ao extremo a simplicidade dos costumes; a outra a polidez. Uma distinguirá os homens por seu bom senso e seu juízo; a outra pelo seu gosto e sua delicadeza. A eloquência dos primeiros brilhará mais no senado; a dos segundos, no teatro.

50 Tais são, disse eu, os efeitos *naturais* de semelhantes costumes. Pois é preciso confessar que o acaso tem uma grande influência sobre os costumes nacionais; e muitos acontecimentos se produzem em uma sociedade, que não podem ser explicados por regras gerais. Quem poderia imaginar, por exemplo, que os romanos, que viviam livremente com suas mulheres, seriam completamente indiferentes à música e que julgariam as danças vergonhosas; enquanto que os gregos, que quase nunca viam as mulheres nas suas próprias casas, viviam continuamente tocando flauta, cantando e dançando?

51 As diferenças de sentimento moral que nascem naturalmente de um governo republicano ou de um governo monárquico são também muito óbvias, assim como as que procedem da riqueza ou da pobreza gerais, da união ou da dissidência, da ignorância ou do saber. Concluirei este longo discurso observando que os diferentes costumes e situações não fazem variar as idéias originais de mérito (ainda que elas façam variar certas conseqüências) sobre nenhum ponto essencial, e que elas triunfam sobretudo junto a homens jovens, que podem aspirar às qualidades agradáveis e tentar agradar. As maneiras, os ornamentos, as graças que sucedem desta forma, são mais arbitrários e casuais; mas o mérito da idade madura é quase em toda parte o mesmo; ele consiste principalmente na integridade, humanidade, capacidade, conhecimento e outras qualidades mais sólidas e mais úteis do espírito humano.

52 Aquilo sobre o qual insistis, replicou Palamedes, pode ter algum fundamento, quando adotas as máximas da vida comum e da conduta quotidiana. A experiência e a prática do mundo corrigem facilmente toda extravagância considerável num sentido ou no outro. Mas o que dizes das maneiras e vidas *artificiais*? Como reconcilias as máximas sobre as quais, em diferentes épocas e nações, elas são fundadas?

53 O que entendes por maneiras e vidas *artificiais*?, perguntei. Explico-me, replicou ele. Sabes que a religião teve, em tempos antigos, muito pouca influência sobre a vida comum, e que, depois que os homens cumpriam seus deveres com sacrifícios e preces no

templo, pensavam que os deuses deixavam o resto de suas condutas a si mesmos, e agradavam-se ou se ofendiam pouco com aquelas virtudes ou vícios, que somente afetavam a paz e a felicidade da sociedade humana. Nesta época, o ofício da filosofia era apenas regular o comportamento e as maneiras ordinárias dos homens; e, de acordo com isso, podemos observar que, sendo o único princípio que permitia a um homem elevar-se acima de seus companheiros, a filosofia adquiria um poder ascendente sobre um grande número de homens e produzia uma grande diversidade de máximas e de condutas singulares. No momento em que a filosofia perdeu o atrativo da novidade, ela não teve mais esta extensa influência; e ela se encerrou muito estreitamente em especulações de gabinete; da mesma maneira como a antiga religião era limitada aos sacrifícios no templo. Seu lugar é agora preenchido pela religião moderna, que examina toda nossa conduta e prescreve uma regra universal à nossas ações, a nossas palavras, a nossos próprios pensamentos e a nossas inclinações; uma regra tanto mais austera quanto ela é garantida por recompensas e penas infinitas, ainda que distantes; e nenhuma infração sua pode mesmo ser ocultada ou dissimulada.

54 Diógenes é o mais célebre exemplo da filosofia extravagante. Procuremos um paralelo com ele nos tempos modernos. Desonraremos o nome da filosofia comparando-o com Dominique, com Loyola, ou com qualquer outro monge ou padre canonizado. Permitam-me compará-lo a Pascal, homem de inteligência e de gênio tanto quanto o próprio Diógenes; e, talvez também um homem de virtude se ele tivesse permitido que suas inclinações virtuosas se exercessem e aflorassem.

55 O fundamento da conduta de Diógenes era um comportamento para tornar a si mesmo um ser independente o máximo possível e para encerrar todas as suas necessidades, todos os seus desejos e todos os seus prazeres dentro de si mesmo e em seu próprio espírito; a aspiração de Pascal era conservar perpetuamente o sentimento de sua dependência sob seus olhos e de nunca esquecer suas inumeráveis necessidades e enfermidades. O filósofo antigo apoiava-se na magnanimidade, na ostentação, no orgulho e na idéia de sua própria superioridade sobre seus semelhantes. O filósofo moderno fazia constantemente profissão de humildade e de rebaixamento, de desprezo e de ódio de si; e procurava alcançar estas supostas virtudes na medida em que elas podem ser alcançadas. A austeridade do grego tinha por fim habituar-se à dureza da sorte e evitar o sofrimento; a do francês era abraçada meramente para seu próprio bem, e a fim de sofrer tanto quanto possível. O filósofo se comprazia com os prazeres mais bestiais, mesmo em público, o santo recusava o prazer mais inocente, mesmo em particular. O primeiro pensava que seu dever era amar seus amigos, zangar-se com eles, reprová-los e repreende-los; o segundo tentava chegar à indiferença absoluta em relação a seus parentes mais próximos e se esforçava para amar os inimigos e para falar bem deles. O grande objeto das zombarias de Diógenes era todo tipo de superstição, que era todo tipo de religião conhecida em seu tempo. A mortalidade da alma era seu princípio padrão; e mesmo seus sentimentos de uma providência divina parece

ter sido libertino. A mais ridícula superstição comandava a fé e os atos de Pascal; um desprezo extremo desta vida, em comparação com a vida futura, era o princípio capital de sua conduta.

56 É neste notável contraste que se situam estes dois homens; contudo, todos os dois obtiveram a admiração geral, cada um em seu tempo; e foram propostos como modelos para serem imitados. Onde se encontra então o padrão moral universal de que falas? E que regra estabeleceremos nós para os muito diferentes, e mesmo contraditórios, sentimentos humanos?

57 Uma experiência que é bem sucedida no ar, disse eu, nem sempre é bem sucedida num vácuo. Quando os homens se separam das máximas da razão comum e afetam viver *artificialmente*, para empregar seu termo, ninguém poderá responder pelo que lhe agrada ou desagrada. Estes homens estão afastados do resto da humanidade; os princípios naturais de seu espírito não atuam com a mesma regularidade como se fossem deixados a si mesmos, livres das ilusões da superstição religiosa ou do entusiasmo filosófico.

\* \* \*

### Notas

---

\* Publicada em 1995 pela editora da Unicamp, a edição brasileira de *Uma Investigação sobre os Princípios da Moral*, de David Hume, na tradução de José Oscar de Almeida Marques, não incluiu este texto na forma de diálogo que aparece logo após os apêndices e que, como estes, faz parte da própria *Investigação*. Ainda que, devido ao fato de ser escrito na forma de diálogo, seja um texto aparentemente destacado do restante da *Investigação*, trata-se de um ensaio que compõe esta obra de Hume e que não poderia deixar de figurar numa tradução como se não fizesse parte dela. Os temas tratados no diálogo relacionam-se com os temas desenvolvidos na *Investigação*. Através deste diálogo Hume discute questões sobre o relativismo e sobre o universalismo moral; menciona aparentes divergências morais encontradas em diversas épocas e em diversas sociedades e considera se estas diferenças invalidam alegações de um universalismo do sentimento moral. Hume usa a forma de um diálogo para discutir os méritos de uma sociedade oriental imaginária chamada Fourli, “cujos habitantes tem maneiras de pensar ... particularmente em moral, diametralmente opostas às nossas”. Ele apresenta as crenças desta sociedade imaginária através das lentes das crenças efetivas das sociedades antigas, dando uma ênfase às crenças dos Atenenses. Observa que muitas ações aprovadas numa sociedade, como o tiranicídio, são muitas vezes desaprovadas em outras sociedades. Hume sugere que estas diferenças culturais são compatíveis com as suas alegações na *EPM* de que princípios universais na natureza humana explicam respostas morais similares em todos os agentes morais em todas as sociedades. Ele sugere que diferentes circunstâncias e diferentes graus de sentimentos de companheirismo produzem diferentes respostas morais, costumes e tradições, mas que todas estas diferenças surgem dos mesmos “princípios da moral estabelecidos universalmente”. Ele coloca na boca de um dos personagens a seguinte tese: “Que [as pessoas que diferem em suas conclusões] todas raciocinam corretamente sobre este assunto, mais do que sobre qualquer outro, não cabe a nenhum moralista mostrar. Basta que os princípios originários da censura ou da reprovação sejam uniformes e que se possa corrigir as conclusões errôneas por um raciocínio mais justo e por uma experiência mais larga”. Hume sugere que em todas as sociedades a base do mérito é encontrada no que é *útil e agradável*.

---

A tradução aqui apresentada tem por base a obra: Hume, David. (1998): *An Enquiry concerning the Principles of Morals*. Tom L. Beauchamp, (ed.), Oxford University Press: Oxford/New York. pp. 185-199.

<sup>1</sup> As leis dos atenienses permitiam que um homem se casasse com a irmã do pai. Uma lei de Sólon defendia a pederastia para os escravos, sob pretexto de que era um ato de muita dignidade para tão medíocres pessoas.

<sup>2</sup> Appien. De bell. Civ. Lib. 2. Suetonius, in vita Cæsaris. [Apiano, *História Romana*, livro 2, cap. 16 §§111-17. Suetônio, *Vidas dos Césares*, livro 2, capítulos 78-84.]

<sup>3</sup> Mem. Soc. Lib. 3. sub fine. [Xenofontes, *Memorabilia*, livro 3, cap. 14, § 1.]

<sup>4</sup> Os gregos guardavam a festa de Saturno ou Cronos, assim como os Romanos. Ver Lucian. Epist. Saturn. [Luciano, *Saturnais*, §§ 10-39].

<sup>5</sup> Plat. Symp. P. 182. ex edir. Serr. [Platão, *Banquete*, 182<sup>a</sup> –85c.]

<sup>6</sup> Ver. Enquiry, Sec. 4. [Investigação sobre os Princípios da Moral 4.9].

<sup>7</sup> Plutarch. de amore prolis, sub fine. [Plutarco, *Moralia*, 'Do amor às crianças', cap. 5, 497e]

<sup>8</sup> Epist. Lib. 1episte. 7. Também lib 1 ode 33. [Horácio, *Epístolas*, livro 1, epístola 7, linhas 26-28; também *odes*, livro I, ode 33, linhas 5-6.].

<sup>9</sup> Ode 28. Petronius (cap. 126.) junta ambas estas circunstâncias como belezas. [Anacreon, *Anacreontea*, ode 16, linhas 9-11. Petrônio, *Satiricon*, cap. 126.]

<sup>10</sup> Tusc. Quæst. lib. 2. [Cícero, *Tusculanas*, Livro 2, cap. 27, §65.]

<sup>11</sup> Orat. 33. [Lísias, *Orações*, Oração 32, 'Contra Diogeiton', §§11-12.]

<sup>12</sup> In Oneterem. [Demóstenes, *Contra Oneter* 1, §§33-6.]

<sup>13</sup> "Quand on le sait c'est peu de chose:

Quand on l'ignore, ce n'est rien."

[Jean de La Fontaine, *Contos e romances em versos*, 'La coupe enchantée'.]

<sup>14</sup> No tempo dos imperadores, os romanos, parece, entregavam-se mais às intrigas galantes que os ingleses de hoje; as mulheres de condição, para reter seus amantes, tentaram lançar um nome reprovativo para designar os homens que freqüentavam as servas e as moças de baixa condição. Elas os chamavam *Ancillarioli*. Ver Sêneca, de beneficiis, lib. 1. cap. 9. Ver também Martial, lib. 12. epig. 58. [Sêneca, *Ensaio Morais*, livro 1, 'Dos benefícios', cap. 9, §4. Marcial, *Epigramas*, livro 12, epigrama 58.]

<sup>15</sup> A galanteria que se tem em vista aqui é a dos amores e dos afetos, não a da cortesia que se oferece ao belo sexo tanto na Inglaterra quanto em qualquer outro país.